

O PROLETÁRIO

N.º
37

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 0,50
(cinquenta centavos) para o custeio da publicação do jornal

Para Além do Capital, de István Mészáros	2
COMITÊ NACIONAL DE LUTA DIRETA: AVALIAÇÃO	3
XIX Congresso Estadual da APEOESP	4
Movimento de Moradia	5
A ALCA E O FUTURO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA	6/7
A FORMAÇÃO DE UM AMPLO E COMPLEXO SISTEMA FINANCEIRO	8/9
Iraque Acontece e acontecerá	10
Dívida “nossa” de cada dia	11
LIBERTEM OS LUTADORES	12
Para o Governo Lula o Brasil ainda continua sendo dos Americanos. Viva!	13

**Escreva para o Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140
CEP 09910-970
Diadema, São Paulo**

**Venham para os cursinhos de Marxismo.
Informem-se!**

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário), com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

Análise dos textos teóricos de Para Além do Capital de István Mészáros Seminário do Comitê Nacional de Luta Direta

Podemos substituir o título do livro pelo seguinte: Abaixo o Marxismo, viva o neoliberalismo!

Com o pensamento humanista deste e o pluralismo da democracia, despojaremos de toda forma de poder, compartilhando-o com as organizações autônomas das “massas” rumo ao fim do estado, ao Socialismo, para além das imaginações, utópicas e reacionárias, em defesa da permanência do capital nas mãos dos lacaios da burguesia, que este capital continue a trasbordar toda sua violência nos ombros dos oprimidos, assalariados, explorados, pedintes e famintos do mundo.

O capitalismo decadente em sua fase imperialista, necessita embriagar a juventude e todo um vasto setor da vanguarda lutadora, afastando-os das idéias e organizações que representam a contraposição e antítese deste regime. Foi assim, com toda uma campanha em prol do fim do “comunismo”, do Marxismo, desfechado com a derrocada dos países de economia “socialista” (Stalinismo) no leste europeu, quando o que estava em questão era a negação do Marxismo. A burguesia fez coro em todos os cantos do mundo da vitalidade do capitalismo e o do fim do Marxismo.

Não durou muito tempo e a grande vitalidade do capitalismo se desmoronou como cinzas. O avançar das contradições deste regime e o aprofundamento da crise de superprodução colocou de novo a nú o regime como um todo.

Juntamente com a campanha da queda do Marxismo se desenvolveu toda uma ofensiva em prol do neoliberalismo, da globalização, da modernização do estado, quando se tratava de adequá-lo ao tamanho da crise e aos apetites, da manutenção e ampliação das taxas de exploração da mais-valia.

O capitalismo decadente necessita de embriagar as consciências dos oprimidos, mantê-los ignorantes e, quanto mais confusos, melhor. Neste contexto, a obra “Para Além do Capital” cumpre sua missão.

Confunde a vitalidade do Marxismo e sua dialética para negá-lo na sua essência. Negando as vigas mestras da teoria, ou seja, negando o materialismo, nega a transcendental importância da mudança da base material da sociedade como condição de transformação da cultura, da arte, das leis, da educação e do próprio caráter do estado. De que a coletivização dos meios de produção e o conseqüente exercício da Democracia Operária (Ditadura do Proletariado), base material da sociedade socialista, não é a pré-condição de chegarmos a própria extinção do estado e das classes sociais. Coloca a possibilidade de conciliação de classes quando joga a sorte do Socialismo para novas formas de organizações, bastando para isso, o princípio do

pluralismo, negando com toda veemência a Ditadura do proletariado como transição ao comunismo. Negando o caráter instintivo de aspiração comunista do proletariado moderno detectado por Marx, o que os qualificou como classe dirigente do processo histórico rumo ao comunismo. Por fim, nega com a argumentação da fragmentação da classe operária e do mundo do trabalho a possibilidade do proletariado moderno se organizar como classe, conforme definido em o Manifesto Comunista de Marx e Engels. Esta negação significa a negação da possibilidade e da importância da construção do Partido Revolucionário e, em seu lugar, procura justificar a fragmentação dos oprimidos, teorizando com novas formas de organização de massa dentro do regime liberal e com os pressupostos da democracia burguesa.

Sustenta como sendo uma grande descoberta da libertação, ir além do capital com a transferência do poder para os trabalhadores livremente associados, “por obra do espírito”.

Coloca a questão dos indivíduos acima da classe, mantendo o princípio da propriedade privada.

Negar os princípios do Marxismo e falar de Socialismo é o mesmo que falar que a burguesia irá despojar de seus bens por amor ao próximo, etc.

Negar a necessidade da construção do Partido Revolucionário é negar a independência de classe do proletariado. É também, a negação da possibilidade dos oprimidos em se capacitarem para a expropriação da burguesia.

Negar a Ditadura do proletariado é negar os ensinamentos da Comuna de Paris e o desarme do proletariado diante da burguesia reacionária.

Negar a Ditadura do proletariado como fase de expropriação geral da burguesia (de Socialismo) e de transição para a Sociedade Comunista, e falar de sociedade sem classes sociais, é enganação premeditada e utopia.

Faz toda uma análise dos acontecimentos históricos, dos processos revolucionários, dos estados operários degenerados. Analisa o mundo capitalista e aponta as próprias contradições do imperialismo e suas vocações. Faz uma dura crítica ao parlamentarismo e aos processos eleitorais para concluir com a ordem burguesa a transformação pacífica da sociedade pelas organizações liberais e a negação do Marxismo.

Vangloria o anarquismo, redescobre a filosofia com 1102 páginas, amaldiçoa os comunistas e tenta nos levar para além do capital – para manutenção da barbárie e desenvolvê-la com o espírito de caridade da benevolência e das sobras do imperialismo.

São Paulo setembro de 2003.

POM

Fora as atividades de debate (importantes para a formação dos militantes), a mais concreta atividade realizada neste ano de 2003 foi o primeiro de maio, sem esquecer evidentemente da elaboração e distribuição do boletim contra a reforma da previdência e a colagem dos cartazes para o primeiro de maio.

Com as invasões dos sem-terra e as ocupações dos sem-teto em vários cantos e cidades do país, o comitê não conseguiu de forma clara e organizada intervir nesses movimentos tão importantes e de tanta esperança para os trabalhadores, apesar desses movimentos serem guiados por direções ligadas a partidos políticos como PT, PCdoB e etc., totalmente atrelados aos patrões, instituições burguesas, aos governos e a democracia formal.

Poderíamos ter organizado uma intervenção mais coesa com nossas propostas e ideais para dar um norte aos trabalhadores, que no momento, se encontram sem uma direção revolucionária.

Devemos estar preparados e organizados para tais eventualidades, pois os trabalhadores quando dirigidos pelos reformistas e eleitores acabam sendo desmoralizados em suas reivindicações e luta, perdem suas esperanças, não conseguem visualizar perspectiva. É dever dos revolucionários, atuarem no sentido das reivindicações históricas e imediatas, da construção da organização independente, dar rumo à luta, para isso é preciso de uma direção capaz de tomar a dianteira e levar os trabalhadores as suas vitórias tão desejadas.

Da forma como se encontra estruturado o Comitê, este não consegue se desenvolver, coordenar nem por em prática aquilo que se discute e se propõe: as atividades concretas. A coordenação deve atuar como se fosse a direção do Comitê, com responsabilidade, sendo respeitada, escolhida em plenária geral, de forma a encaminhar todas as atividades discutidas e aprovadas no Comitê, com centralização e democracia operária, algo sério, capaz de dar um outro rumo, norte a tal organismo, não mais importante que os organismos de massas já conhecidos, mas importante o suficiente para sair dos marcos corporativistas e por sua necessidade em face da conjuntura.

O Comitê deve ser estruturado de tal forma que sua organização possa prezar pela formação política da militância e simpatizantes, pela aglutinação de novos militantes, pela propaganda dos ideais da revolução proletária no seio da classe trabalhadora, no enfrentamento direto com o capital e seus detentores, na perspectiva de construirmos organismos superiores de massa e porque não atuarmos com todas as forças e perseverança no sentido de criarmos uma estrutura única e capaz de por abaixo o regime de exploração capitalista.

Achamos que devemos avançar nas discussões, nos debates, nas concretizações e implementações das nossas propostas mas sobretudo na construção de uma proposta de programa, de reestruturação e reorganização do Comitê, numa proposta de direção, a estratégia é a Ditadura do proletariado.

Para concluir, achamos também importante pensarmos como constituir um fundo financeiro para o comitê, de extrema necessidade e urgente.

Convocatória

Nem mesmo os teóricos liberais negam o aprofundamento da crise estrutural do capitalismo e para prolongar seu estado agonizante o imperialismo aperfeiçoa seus meca-

nismos de rapina e acumulação, impondo novos e maiores sacrifícios aos países oprimidos.

Lula/PT, submetido, como FHC, às orientações do FMI, mas com amplo apoio popular, parte para a ofensiva, exigindo do Congresso e Senado urgência na aprovação das reformas da previdência, tributária e trabalhista/sindical, pois sabe que esse apoio tende a cair, na medida em que estas reformas não dão respostas para os problemas estruturais, como os altos índices de desemprego. E políticas focalizadas, como o Fome/Zero, vão caindo no descrédito, pois o trabalhador quer emprego, e não esmola.

Diante dessa conjuntura, da qual surge a exigência de unificação dos Movimentos, Organizações e dos lutadores para promover a luta direta, o único meio possível de modificar o atual estado das coisas, o COMITÊ NACIONAL DE LUTA DIRETA, em seu VI Seminário, realizado nos dias 27 e 28 de setembro, propõe ao conjunto de lutadores e revolucionários das diversas correntes de pensamento, a organização de um **ENCONTRO anticapitalista e anti-imperialista no sentido de promover a luta direta contra as reformas e a ALCA, pela soltura imediata dos presos do MST, contra o desemprego e pela moradia**, para o dia 16 de novembro, em São Paulo.

Esse COMITÊ se apresenta com o objetivo de organizar a luta direta e de promover o debate teórico sobre a necessidade da revolução socialista. Trata-se de um bloco de intervenção, que vem se reunindo há cerca de dois anos, buscando, pelo consenso e respeito às posições divergentes, impulsionar atividades políticas, como o 1º de maio, na Praça da Sé, em 2002 e 2003.

Entendemos que a luta anticapitalista pelo emprego, pelo salário, pela redução da jornada de trabalho, contra as reformas do governo Lula/PT, tudo isso deve se somar à luta internacionalista, buscando a solidariedade com todos os povos que lutam contra a opressão imperialista e pela sua autodeterminação. É neste sentido que em 2002, juntamente com outros coletivos participamos de atos contra a ALCA, em defesa da luta do povo palestino, argentino e iraquiano.

Estamos dispostos, também, a nos somar a todas as forças políticas que lutam contra as perseguições políticas, pela libertação imediata dos lutadores do MST e contra as tentativas dos governos Lula/Alckmin de criminalizar os movimentos sociais.

Por fim, a organização da resistência e da luta direta no campo e a cidade, vai depender – e muito – da nossa unidade, da necessidade de romper com o sectarismo e construir esse amplo organismo de intervenção. Disposição, luta e **saudações revolucionárias**.

ENCONTRO ANTICAPITALISTA E ANTIIMPERIALISTA

DIA 16 de novembro de 2003

INÍCIO ÀS 9:30 HORAS

**LOCAL : Rua Marquês de Itu,
298, São Paulo, centro.**

**Ponto de referência: Praça da República
(Banespa)**

XIX Congresso Estadual da APEOESP

**Acontecerá no final de novembro o XIX
Congresso da APEOESP
Foram inscritas 11 teses**

**A Tese 8, da Oposição Reconstruir de
Diadema, do Coletivo Comunista dos Traba-
lhadores em Educação-SP, Oposição Revolu-
cionária-Mauá e professores Independentes
de: Cotia, Guarulhos, Itaquera, Diadema, Ri-
beirão Pires, Poá e Apiaí.**

Afirma:

Que no capitalismo a base material da sociedade (propriedade privada dos meios de produção), classe dominante, determina as idéias, a cultura, a arte, a religião, a superestrutura da sociedade, a educação;

Que a estagnação das forças produtivas, crise capitalista de superprodução devido a propriedade privada dos meios de produção e como consequência, a ganância dos capitalistas por lucro e mais lucro, faz de um lado diminuir os salários e aumentar o desemprego, com a modernização das máquinas e as novas tecnologia ao invés de melhorar a vida dos trabalhadores aumenta ainda mais o desemprego. Então, se produz de um lado máquinas modernas e um amontoado de mercadorias e de outro lado, milhões e milhões de desempregados e famintos que mesmo tendo necessidade das mercadorias produzidas não conseguem comprá-las, gerando a crise de superprodução e uma crise sem solução no capitalismo. Este fenômeno interfere na educação diretamente, senão VEJAMOS: As indústrias capitalistas necessitam cada vez menos de operários e assim seus representantes na direção do estado, por força da própria crise mundial do capitalismo, reduzem os gastos sociais do estado e assim a educação recebe menos verbas, aliado com a não necessidade da burguesia de mão-de-obra, uma vez que, os estudantes que se sobressaem e os que conseguem pagar por uma escola particular já são suficientes para satisfazer o mercado em mão-de-obra. Os gastos estatais com a educação pública então, se dão apenas para manter e melhorar os índices oficiais de ensino (diplomas e números de alfabetizados e concluintes do 2.º grau), daí o amontoado de alunos em uma sala de aula, a aprovação automática e a falta de respeito, condições de trabalho e salários para os professores e aí faz sentido a frase de que o professor faz de conta

que ensina e o aluno faz de conta que aprende, más todos terão pelo menos o segundo grau, viva!

A privatização do ensino se torna a meta dos governantes, querem se livrar deste incomodo que é educar filhos dos trabalhadores para disputarem nas filas do desemprego.

Para manter a calma dos oprimidos diante deste estado de barbárie, as medidas da democracia burguesa se tornam impotentes e então a educação cumpre uma outra meta do estado capitalista em crise insolúvel, que é o papel ideológico e a política fascista. Jogar um trabalhador contra o outro, política de bônus para disciplinar, demissão a bem do serviço público das lideranças grevistas, etc.

A Tese conclui com a necessidade de lutar pelas reivindicações dos trabalhadores em educação, impulsionando a luta direta, combatendo a burocracia sindical, o eleitoralismo e o reformismo. Nesta luta tendo dois eixos principais. 1- Que necessitamos envolver os trabalhadores produtivos na luta pela melhoria da educação em geral, 2- que a Educação só será transformada do ponto de vista dos trabalhadores com a Socialização dos meios de produção, conseguido por meio de uma revolução social.

A Tese 1, da Articulação Sindical, defende a política do governo Lula de impulsionar o desenvolvimento econômico, mesmo dentro do sistema capitalista decadente. Para isto, afirmam eles, precisam de apoiar as reformas estruturais (corte dos gastos do estado, no social, é claro). Diz que o sindicalismo brasileiro passou por duas fases. A primeira, de contestação ao regime militar, a segunda, com força acumulada pela derrota da ditadura, foi de reivindicação corporativa e agora se faz necessário uma 3ª fase de Sindicalismo, ou seja, com a eleição de Lula, será desafiadora porque além da combatividade, exige também criatividade e participação (defesa do governo).

A Tese 9, da Oposição Alternativa, defende uma política contra o imperialismo, contra a ALCA e contra as reformas neoliberais, defende a proporcionalidade da direção do sindicato e o Socialismo. Não deixa claro como chegar ao Socialismo e passa a possibilidade de ruptura com o imperialismo de forma pacífica e de resolver os problemas sociais simplesmente rompendo com o imperialismo, sem colocar na ordem do dia a revolução social. Radicalismo pequeno-burguês.

Movimento de Moradia

- No último dia 19 de setembro o Movimento de Moradia de Diadema esteve mais uma vez no Palácio dos Bandeirantes exigindo Moradia. Fomos recebidos por assessores do governo que protocolou nosso documento e agendou uma nova reunião com dirigentes da CDHU e uma comissão de 35 pessoas para o dia 21/10.

Em 21/10 fomos atendidos no auditório da CDHU com capacidade de 600 pessoas sentadas. Foi nos relatado que: Realmente existe um protocolo de intenção assinado entre o governador e o prefeito de construção de 850 moradia pelo sistema de Habiteto, em que a prefeitura entra com o terreno e o estado com a construção, neste caso do protocolo para atender somente a demanda de área de risco e desfavelamento. Que realmente não tem mais nenhuma moradia licitada ou em processo de licitação para atender a demanda do aluguel e moradores de casa de parentes.

Sobre o cadastramento e sorteio das 620 unidades em andamento nada foi definido. Não souberam explicar sobre a reserva de 35% destas unidades para atendimento da demanda da prefeitura. Deixamos claro que não aceitaremos tal reserva.

Solicitamos a data do cadastramento, o critério de demanda ser atendida bem como a construção de mais moradia e a possibilidade de alojamento provisório das famílias desempregadas ou em condições de despejos nos galpões vazios da cidade que segundo nosso levantamento são 66 com área construída de 273.000 metros quadrados de construção.

Insistimos em respostas imediatas e na presença dos diretores da CDHU em nossa Assembléia, o que foi rejeitado. Ficaram de dar resposta ao documento dentro de 30 dias.

Os trabalhadores sem tetos em Assembléia decidiram por esperar pelos trinta dias e por respostas concretas. Várias outras propostas foram discutidas, desde manifestações no governo e prefeitura até a ação direta pela moradia.

Número de favelados deve dobrar até 2030, diz ONU

As favelas urbanas dobrarão de população para 2 bilhões, nos próximos 30 anos, se prosseguirem as tendências atuais. A advertência é de uma agência da Organização das Nações Unidas, em um relatório que será apresentado na próxima semana.

A ONU-Habitat, com sede em Nairóbi, pede medidas locais, nacionais e internacionais mais fortes para lidar com o crescimento explosivo dos países em desenvolvimento. Seu relatório culpa programas de ajustes econômicos pela desigualdade e exclusão social crescentes. Além disso, diz que a globalização acentuou as dificuldades dos pobres urbanos em muitos países, quando acabou com oportunidades de emprego no setor formal.

Os esforços para melhorar as condições de vida dos moradores de favelas da última década têm sido "débeis e incoerentes". Segundo o relatório, o ápice desse movimento ocorreu nos anos 80.

A ocupação não planejada já envolve 43% da população urbana do mundo em desenvolvimento. Na África, essa proporção é de cerca de 72%; na Europa, de 6%. O relatório usa uma série de fatores para definir favelas, inclusive o fornecimento de água e esgoto.

Estima-se que a população mundial gire em torno de 8 bilhões no mesmo período, o que significa que um quarto da população pode estar vivendo em favela em três décadas

Em Diadema um terço da população conseguiu sua moradia através das ocupações (Favelas)

O sistema capitalista vive uma crise profunda de superprodução, causando destruição de forças produtivas, eliminando concorrências e alastrando fome, miséria e violência por todo o planeta. A conseqüência de tudo isso é o aprofundamento da barbárie social.

As saídas encontradas para a burguesia capitalista (sobretudo a burguesia imperialista) para sobreviver a essa crise têm sido as reformas econômicas onde direitos trabalhistas são retirados e a constituição dos chamados blocos econômicos. A exemplo, temos a constituição do Nafta, da União Européia (EU), do Mercosul e outros. Quando os blocos econômicos se tornam insuficientes, a outra saída encontrada é a guerra, como os casos recentes da guerra do Afeganistão e do Iraque, que tiveram como pretexto o combate ao terrorismo e o uso de armas de destruição em massa. Sabemos que a região do Oriente Médio é uma região estratégica, rica em petróleo, fácil para a desova de mercadorias e para implantação de bases militares.

A idéia de constituir a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) veio em **1991** pelo então presidente dos **Estados Unidos, George Bush (pai)**, com o intuito de tirar a economia do seu país da recessão, de conquistar mercados (para a desova de mercadorias), matérias-primas, territórios, nações e aumentar o lucro da burguesia imperialista.

O esforço para unir as economias do Hemisfério Ocidental em uma única área de livre comércio inicia-se com a Cúpula das Américas, realizada em Miami em dezembro de 1994. Os chefes de Estado dos trinta e quatro países **“democráticos”** decidiram criar a Área de Livre comércio das Américas (ALCA), na qual serão eliminadas progressivamente as barreiras comerciais e de investimentos entre os países envolvidos. As negociações serão concluídas até 2005, mas de acordo com a última reunião de Cúpula, o acordo para a implementação será em 2006.

A preocupação dos Ministros de Estado na sexta reunião de cúpula foi no sentido de que este assunto deveria ser discutido no seio da sociedade civil, ou seja, que os trabalhadores pudessem opi-

nar sobre este assunto tão importante para o conjunto da população de todos os países envolvidos. Sabemos que este acordo está sendo feito às portas fechadas por chefes de Estado, pois sabem eles que a população já se manifestou contrariamente ao acordo, não só na América Latina e inclusive com plebiscito, como o que ocorreu no Brasil, onde mais de dez milhões de pessoas votaram contra. É bom lembrar que governo e burguesia sempre estiveram juntos na defesa de seus interesses e os trabalhadores jamais terão alguma migalha desses abutres sem muito lutar por elas. Nenhum acordo com os patrões, nenhuma ilusão de que os problemas dos trabalhadores serão resolvidos através desses acordos e sim por meio da revolução social e da expropriação da burguesia.

PRINCÍPIOS REGULADORES DAS NEGOCIAÇÕES DA ALCA

Veja alguns dos princípios acordados entre os imperialistas:

- As decisões serão tomadas por consenso;
- As negociações serão conduzidas de forma transparente;
- A ALCA será consistente com as regras da OMC e deverá seguir essas regras e disciplinas sempre que possível e apropriado;
- A ALCA constituirá um compromisso único, ou seja, nada é decidido até que todos estejam de acordo;
- A ALCA poderá coexistir com acordos bilaterais e sub-regionais e os países poderão negociar e aceitar as obrigações da ALCA individualmente ou como membros de um grupo de integração sub-regional;
- Atenção especial será dada às necessidades das economias menores.

Quando se trata de exploração, de tirar direitos trabalhistas, de eliminação de concorrentes, de sede de lucro, os capitalistas sempre agirão de maneira consensual e neste caso a transparência ficará em último plano. Quanto à consistência, esta sim, é verdadeira, mas somente para os capitalistas, pois são eles que vão obter mais lucros às custas dos trabalhadores. Os acordos bilaterais e sub-regionais são uma falácia do ponto de vista imperialista e muito menos os países pobres (oprimidos) terão mais atenção, haja vista o estado em que se encontram as economias desses países, completamente destruídas, expropriadas.

Não há nenhuma flexibilidade com relação às negociações para com os países de economias expropriadas, a exemplo do que aconteceu com o México, completamente isolado e destruído economicamente.

O apoio técnico e analítico (**a chamada Comissão Tripartite**) é formada em sua maioria por organismos dos EUA, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e além disso, as medidas para implementação da ALCA não deverão passar por decisão de parlamentares e sim por medidas administrativas. Certamente, esta é uma imposição do governo norte-americano e seus aliados.

Voltando a falar do **Nafta**, e para termos uma idéia do que vai acontecer com os países da América Latina, hoje mais da metade da população mexicana vive na pobreza, 19% na indigência, a cesta básica aumentou em 560% e os salários cresceram apenas 136%, aumento da exploração do trabalho infantil com a instalação das chamadas indústrias maquiladoras, aumento do desemprego, aumento dos sem terras, diminuição do valor da hora trabalhada na indústria manufatureira, aumento do trabalho informal, aumento das importações de produtos vindos principalmente dos Estados Unidos, ou seja, destruição total das forças produtivas mexicanas e em contrapartida, nenhuma abertura comercial, nem de investimento nos setores da indústria têxtil, de vestuários, automotivos, transportes e agricultura. Uma completa desnacionalização da economia mexicana.

São **trinta e quatro** países da América Latina envolvidos no acordo de “livre comércio” das

Américas com excessão de Cuba e inclusão do Canadá. Este acordo, se for implementado, será um mercado bastante promissor, uma vez que são 800 milhões de habitantes e um produto interno bruto de 11,4 bilhões de dólares, o que equivale a 40% do PIB mundial.

PRESSÃO DO FMI SOBRE O BRASIL

O Diretor-Gerente do fundo monetário internacional (FMI) – **HORST KOHLER** fez várias críticas ao Brasil e a outros países da América Latina no sentido de que as reformas econômicas feitas foram de menos e inconsistentes. Para ele, o Brasil ainda tem muitos problemas, ou seja, as privatizações devem se dar por completo e que as leis de direito de propriedade ainda são muito rigorosas. Sabemos claramente que isso significa na prática a flexibilização total da legislação no que se refere ao direito de propriedade, de modo a permitir que os EUA e seus empresários possam adentrar com liberdade no país para se apoderar com facilidade de propriedades e também para eliminar concorrentes.

As pressões e imposições dos organismos norte-americanos são muitas, a ponto de dizer que o Brasil deve sim aceitar a implementação da ALCA, pois este acordo tornará a economia do país menos vulnerável. Nenhum povo de nenhum país deve aceitar tais imposições, principalmente, quando se trata de um país imperialista e opressor como os EUA, que tem como objetivo se apropriar de territórios, riquezas e nações no mundo inteiro.

Neste sentido, devemos nos posicionar sempre contra as reformas, as formações dos blocos econômicos e as guerras, pois são medidas que os capitalistas imperialistas utilizam para saquear os países pobres e oprimidos, tirando direitos trabalhistas e alastrando miséria no mundo.

Está na ordem do dia uma manifestação contra essas medidas imperialistas e os ataques que os trabalhadores vem sofrendo no mundo inteiro.

Quando se fala em finanças, em financeiro, está se falando de algo referente a dinheiro. Já vimos anteriormente que não é fácil nem simples definir o que é dinheiro, moeda, e que mesmo uma parte do papel-moeda, em certas situações, deixa de exercer as funções de moeda, deixa de ser dinheiro. Vimos também que uma determinada quantia de moeda manual gera uma quantia muito maior de moeda escritural, inclusive as chamadas cadernetas de poupança. As cadernetas de poupança fazem parte do sistema financeiro, mas não são moeda.

ATIVOS FINANCEIROS NÃO-MONETÁRIOS

Quando os banqueiros primitivos passaram a realizar operações de crédito, estavam querendo “facilitar” o desenvolvimento das atividades produtivas. Para aumentar a produção é preciso que haja capacidade produtiva. **Devemos lembrar que já naquela época estava presente a sede de lucro dos capitalistas, a acumulação de riqueza nas mãos de poucos às custas do trabalho alheio e a propriedade privada dos meios de produção.** Veja o porque desta afirmação: O camponês só pode obter mais leite (lucro) comprando outra vaca ou esperando que a sua dê cria, o que demora. No sistema capitalista, com exceção daqueles que não podem comprar por não terem as condições financeiras necessárias, o restante logo pensa em aumentar sua propriedade ou seus bens pensando que poderá um dia ser rico, mesmo não sendo dono de meios de produção. Evidentemente que para comprar outra vaca, é preciso de dinheiro, e para isso ele foi e continua sendo instruído a poupar parte do que ganha, mês a mês. Mas, se um banqueiro ou alguém lhe emprestar o que precisa, tudo será mais rápido e mais rápido ainda o banqueiro aumentará seu lucro (ficará mais rico). E o camponês? Este ficará sempre na expectativa de se igualar ao banqueiro, ou seja, de adquirir mais e mais bens, de aumentar a sua capacidade produtiva.

Então, comprar a vaca significa um investimento, ou seja, aumento da capacidade produtiva. Tomando dinheiro emprestado, o camponês está se “alavancando”.

“Alavancagem” significa o endividamento realizado com o objetivo de obter ganhos maiores do que o custo do pagamento da dívida. Havendo crédito, generaliza-se a alavancagem e os investimentos tornam-se mais atrativos e fáceis, não só o investimento, mas o próprio dia-a-dia da produção.

Se o camponês quisesse plantar mais batatas em terras que não estava utilizando, poderia tomar dinheiro emprestado para contratar um empregado. Neste caso, seria um crédito menor e mais curto, mas também importante.

Em todos os casos, a existência de crédito estaria facilitando a ampliação da produção, ou seja, mais produção, mais lucros para os banqueiros, mais riqueza acumulada, mais dinheiro depositado nos bancos, maior abundância de crédito e etc. É fácil perceber que o desenvolvimento dos intermediários financeiros acompanha e impulsiona o desenvolvimento da atividade produtiva. Hoje, por conta da crise de superprodução capitalista, as atividades produtivas estão em constante retrocesso e conseqüentemente muita mão-de-obra ociosa.

As necessidades de crédito foram se diversificando, o mesmo ocorrendo com as disponibilidades de moeda em mãos dos poupadores. No caso do camponês, vimos a necessidade de crédito para investimento, de prazo mais longo; de um outro crédito para contratar um empregado, de prazo mais curto. Para este prazo mais curto, o banqueiro poderia emprestar simplesmente com base em dinheiro, deixado lá só para guardar. Mas, para o crédito mais longo, isto poderia ser perigoso. Suponhamos que o camponês se dispusesse a pagar em 4 (quatro) anos, com 10% de juros ao ano. O mais seguro para o banqueiro seria procurar algum poupador e tomar o seu dinheiro emprestado por 4 (quatro) anos também, pagando algo como 5% de juros ao ano. Pois bem, atualmente o mercado financeiro se utiliza deste artifício para obter lucro, o que comprova que este pensamento é próprio do sistema capitalista e se originou em épocas remotas.

Estaria então, realizando um depósito a prazo fixo. Ao contrário do depósito à vista, o depositante não teria mais o direito de reti-

rar o dinheiro quando quisesse. Mas, em compensação, ganharia juros. Para o banqueiro, a vantagem seria a de fazer coincidir os prazos, diminuindo os riscos de os depositantes sacarem e ele não ter como pagar.

O dinheiro entregue pelo depositante (papel-moeda ou cheque), iria sair do banco sob a forma de moeda também, emprestado ao camponês, que com ele pagaria pela vaca a um outro camponês, que faria um novo depósito em outro banco ou iria comprar outras mercadorias, e assim por diante. Já o depositante não teria mais moeda (manual ou escritural), teria um outro bem ou um ativo financeiro. Ativo financeiro é um conjunto de bens possuídos por uma pessoa ou empresa.

DIVERSIFICAÇÃO DOS FLUXOS FINANCEIROS

Até aqui temos trabalhado com exemplos bem simples de casos isolados, voltados para as economias primitivas. Porém, pensando na realidade atual, à medida que se desenvolve o capitalismo (exploração do homem pelo homem) e a industrialização, é fácil de visualizar o crescimento rápido das possibilidades de atuação de um banco, ou seja, os banqueiros capitalistas perceberam que com a criação dos bancos seria mais fácil aumentar seus lucros captando recursos através de depósitos dos salários dos trabalhadores. Quanto mais complexa a economia e quanto mais a crise do regime se aprofunda, mais diversificadas ficam as formas e necessidades de crédito, possibilitando a captação de depósitos. Em função da crise do sistema capitalista, ouve uma diminuição da captação de recursos por parte dos banqueiros, porém a saída encontrada foi a criação de tarifas bancárias tiradas diretamente dos salários dos trabalhadores.

Com o aumento das operações financeiras, diga-se especulação financeira, os bancos se tornaram mais lucrativos, mais rentáveis e aos poucos seus donos (os banqueiros), aumentaram seus poderes sobre os industriais, agricultores e comerciantes, e com isso, estes dois últimos, ficaram cada vez mais dependentes de crédito. Mas, numa economia mundialmente instável, não se anulou o risco característico da atividade bancária desde que os bancos começaram a existir. Porém, em contrapartida, os governos têm sempre ajudado financeiramente os banqueiros contribuindo para diminuir estes riscos, às custas do dinheiro dos trabalhadores. A grande concorrência existente

entre os próprios banqueiros em busca de grandes negócios também não se anulou, pois a sede de lucro é cada vez maior, o que demonstra a crise por que passa o sistema capitalista com tendência a se aprofundar e conseqüentemente caminhando para a barbárie social (fome, miséria, violência, etc).

Os conflitos, principalmente, entre os próprios capitalistas são inevitáveis e característicos do capitalismo - uma doença do próprio sistema. Neste caso, é possível assumir proporções tais que coloquem em perigo a sua própria existência. No caso do sistema financeiro, os riscos são grandes, pois a especulação financeira (sede insaciável de lucro) é ainda maior. Como exemplo, podemos citar o seguinte: se ocorrer uma crise de confiança e os depositantes correm aos bancos para retirar seu dinheiro, não haverá papel-moeda para atendê-los. Se os bancos fecham as portas, todas as seqüências de pagamentos e créditos que movimentam os negócios é interrompida, então ocorre o colapso econômico-financeiro.

Situações deste tipo não ocorrem em tempos de "normalidade". As crises inicialmente fracas e localizadas podem ser fortemente ampliadas/amplificadas se a quebra de algumas empresas abala um ou mais bancos, o que pode estender a crise a outros setores, ou a quebra de um banco pode arruinar a indústria de toda uma região, abalando a economia.

É necessário mais uma vez dizer que os banqueiros inevitavelmente forçam os chamados conflitos financeiros de interesses entre o setor especulativo (financeiro) e o setor real (produtivo), ou entre as partes de cada um destes, por vários motivos. Os próprios movimentos dos ciclos produtivos no setor real podem induzir à formação de intensos movimentos especulativos com os haveres/ativos financeiros, "ameaçando" descolar os dois lados da economia. Mas os grandes salvadores destes banqueiros capitalistas exploradores, para salvar o sistema de um colapso econômico-financeiro têm sido os governantes, que por sua vez vem aumentado bastante seus instrumentos, mais de apoio do que de controle.

Os EUA estão mandando mais 10 mil homens para o Iraque. O Ministério da Defesa dos Estados Unidos está alistando um terceiro contingente de 5 mil homens.

A decisão foi tomada porque os apelos dos Estados Unidos a outros países para que enviem mais soldados não foram atendidos.

Finalmente saiu das próprias autoridades Americanas o relatório que já era de conhecimento do mundo inteiro, o Iraque não tinha arsenal de armas químicas.

Bush e Putin pedem o fim do programa nuclear no Irã

Os presidentes dos Estados Unidos, George W. Bush, e da Rússia, Vladimir Putin, se reuniram sobre a questão das armas de destruição em massa, o presidente norte-americano convocou o Irã a cumprir seu compromisso internacional em relação a seu programa nuclear. "Convoco energicamente o Irã a cumprir com todas as obrigações no âmbito do Tratado de Não-proliferação Nuclear", afirmou.

Já Putin defendeu o envio de um sinal claro ao Irã para que o país do Oriente Médio cumpra com suas obrigações em relação ao tratado de não-proliferação nuclear. "Temos convicção de que devemos dar agora ao Irã um sinal claro, mas cortês, sobre a necessidade de continuar e expandir sua cooperação com a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica)". Ele deixou claro que a Rússia não quer favorecer o desenvolvimento de armas de destruição em massa "no Irã ou em qualquer outro lugar do mundo".

Em meio às disputas comerciais dos imperialistas do ocidente e Europa a invasão do Iraque e a tal da reconstrução do país está fadada a uma repetição e semelhança da

ocupação por Israel (EUA) da Palestina. A resistência do povo Iraquiano com os ataques suicidas e as bombas surpresas tem produzido importantes baixas no exército Americano.

O saque de petróleo, os investimentos na reconstrução e o apoio financeiro do Estado às empresas armamentistas tem custado caro às autoridades americanas e inglesas.

A crise de superprodução capitalista está levando o mundo à barbárie (fome, miséria, desemprego, violência) e a potencialização das guerras imperialistas de conquista de matérias primas, de mercado e conseqüentemente, ao terceiro conflito mundial.

Só a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária e a expropriação da burguesia mundial por fim a este estado de coisas.

Aconteceu

- Seminário do Comitê Nacional
- Pré Conferências da APEOESP
- Movimento dos estudantes Baianos
- Prisão dos Lutadores do MST
- Ocupações de terra pelos camponeses, sem tetos e ocupações dos prédios vazios
- Luta anticapitalista
- Invasão do Iraque
- Intifada

Acontecerá

- Plenária do Comitê Nacional
- Encontro das Organizações e Movimentos
- Luta pela Libertação dos Lutadores
- Continuidade da Luta dos estudantes baianos
- Continuidade das ocupações no campo e na cidade
- Continuidade da Luta anticapitalista e antiimperialista
- Resistência do povo Iraquiano, Árabe e Palestino.
- Continuidade da Luta pela Moradia e por Terra.

As despesas do setor público brasileiro com o pagamento de juros atingiram nos primeiros oito meses deste ano R\$ 102,417 bilhões, ou seja, 10,2% do PIB (Produto Interno Bruto).

O governo federal, estados, municípios, Previdência, Banco Central e empresas estatais gastaram com juros 68,75% mais neste ano do que no mesmo período do ano passado (R\$ 60,689 bilhões, ou 7,17% do PIB). Estas despesas correspondem a pouco mais de 60 vezes o orçamento deste ano para o programa Fome Zero (R\$ 1,7 bilhões), principal bandeira social do governo Lula.

Este rombo foi provocado, basicamente, pela política de juros altos adotada pelo Banco Central para conter a inflação.

Neste ano, o governo cortou gastos em todos os setores e, com isso, conseguiu acumular até agosto um superávit primário de R\$ 49,293 bilhões.

O problema da opressão imperialista é a causa dos males de nossa pobreza, mas não romperemos com esta política elegendo este ou aquele presidente, Lula ou Zé Maria. O rompimento com o imperialismo e o não pagamento da dívida externa só pode ser conseguido com as massas em armas (Ditadura do Proletariado).

Venham para os cursinhos de Marxismo!

- Nos apoderarmos das idéias dos operários internacionalistas (Marxismo) é a condição única de enfrentar as idéias da burguesia mundial.
- O mundo capitalista e a crise de superprodução que é o resultado deste regime, nos levará ao aprofundamento da barbárie, das guerras, violência, fome, desemprego e miséria absoluta.
- Sem o conhecimento histórico das experiências deixadas pelas lutas revolucionárias do proletariado internacional não haveremos de derrotar a burguesia;
- Sem a construção de um Partido Operário Marxista capaz de forjar as idéias, um poderoso programa e a própria construção de verdadeiros militantes, íntegros, com conhecimento, coragem, disciplinados e organizados;
- Sem a combinação no seio das massas da teoria e da prática, capaz de se transformar em ação de massas, não estaremos capacitados para a tarefa de derrotar a burguesia e socializar os meios de produção.

LIBERDADE A LUTA DOS TRABALHADORES SEM TERRA!

Libertem José Rainha, Diolina e todos os lutadores presos.

Historicamente, a violência no campo tem sido causada pela enorme concentração fundiária. Contradição entre a cidade e o campo. Com centenas de assassinatos, prisões e tortura de trabalhadores e trabalhadoras rurais, o monopólio da terra gera a pobreza, desemprego, exclusão social, além de manter o poder das oligarquias rurais que buscam perpetuar a estrutura colonial do país consorciadas com o Imperialismo.

A concentração de terra no Brasil é uma das maiores do mundo, cerca de 1% dos proprietários rurais detém em torno de 46% de todas as terras do Brasil. Segundo dados do INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), há cerca de 100 milhões de hectares de terras ociosas. Por outro lado, existem cerca de 4,8 milhões de famílias sem terra no Brasil. A Constituição Brasileira é clara em seu artigo 184 *“compete à União desapropriar por interesse social, para fins de Reforma Agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social”*.

Assim como o decretado pela Constituição em relação ao salário mínimo capaz de atender a todas as necessidades básicas da família (hoje por volta de R\$ 2.000,00) quando o salário mínimo é R\$240,00

Diante disso temos 22 trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra presos nos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná e São Paulo;

Também temos várias dezenas de lutadores, lavradores e lavradoras amargando perseguições políticas por defenderem e lutarem pela terra (Reforma Agrária);

O Governo, o judiciário e o latifúndio estão criminalizando a luta dos movimentos sociais e, em especial do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST;

As ilusões de que o governo Lula fará a reforma agrária, distribuição de riqueza e o desenvolvimento econômico capaz de gerar emprego etc., sem o processo revolucionário, desarma os trabalhadores e o próprio movimento, e contribui para a política fascista de criminalizar o movimento.

Convocamos a todos para participarem do ENCONTRO ANTICAPITALISTA E ANTIIMPERIALISTA

**DIA 16 de novembro de 2003
INÍCIO ÀS 9:30 HORAS
LOCAL : Rua Marquês de I-tu, 298, São Paulo, centro.
Ponto de referência: Praça da República (Banespa)**

Libertem os Lutadores!

Para o Governo Lula o Brasil ainda continua sendo dos Americanos. Viva!

Acordo AES-BNDES

O acordo preliminar para renegociar a dívida de US\$ 1,2 bilhão da americana AES, controladora da Eletropaulo, com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) foi assinado em 08/09/2003 (memorando).

A empresa de energia do Rio de Janeiro, a Light, distribuidora, controlada pela francesa EDF, também apresenta um endividamento significativo, está a espera do milagre brasileiro.

"A EDF não tem dívida em atraso com o BNDES, o que descarta uma solução semelhante a adotada pelo banco com a AES. Mas o exemplo do acordo com a dona da Eletropaulo pode facilitar as negociações da Light com seus credores"

Acordo BNDES-AES:

Pelo acordo, o BNDES desiste de leiloar a Eletropaulo, que atende 14 milhões de consumidores no Estado de São Paulo. Em troca, torna-se dono de metade das ações de uma nova companhia que controlará os principais ativos da AES no Brasil --avaliados pelo acordo em US\$ 600 milhões. A empresa americana, no entanto, terá o controle da nova companhia.

O resultado da avaliação desses ativos vai ser um dos principais pontos a ser monitorado pelos analistas.

"A reavaliação dos ativos deve ser concluída até 15 de dezembro. Não foi escolhida ainda a empresa que fará esse trabalho."

Há ainda a dúvida se a AES Tietê fará parte da nova empresa. A AES Tietê foi dada como garantia em empréstimos no exterior pela AES, o que impede, em tese, que seus ativos sejam usados para compor a nova empresa

Os US\$ 600 milhões restantes da dívida serão refinanciados. Em dinheiro, a AES se compromete a quitar, num primeiro momento, apenas US\$ 60 milhões.

O acordo entre BNDES e AES é justificado pelo governo para não prejudicar o de-

sempenho operacional da Eletropaulo no maior mercado consumidor do país. Se executasse a dívida, haveria o risco de a AES questionar na Justiça e se criar um impasse no setor.

Com o acordo de pai para filho, segundo analistas, a empresa sai da área do "default" com o BNDES; assim a Eletropaulo poderá participar do programa do BNDES de capitalização das distribuidoras de energia.

Segundo o próprio governo, em São Paulo, somos 14 milhões de consumidores. A tarifa de energia elétrica se tornou um absurdo, principalmente após a privatização evale dizer que já era cara com os desmanchos dos governos burgueses. Quanto você paga de conta de luz? Tente fazer a conta da arrecadação da empresa tomando como média o valor de sua conta. Multiplique por 14 milhões. Coloque aqui o resultado (mensal) R\$ _____

Agora as tarifas são reajustadas pela variação do Dólar e os serviços que antes não eram cobrados como taxa de Luz Pública, rede elétrica em Loteamentos Sociais, tinha uma tímida taxa mínima para trabalhadores de baixa renda que agora praticamente acabou. Os cortes de energia se tinha um melhor critério, agora é o financeiro. Não pagou 2 contas, está cortado independente de aviso e de análise da situação da família.

Quando o pobre deve para o Governo (Caixa econômica Federal, Estadual, Banco do Brasil, IPTU etc.) o nome do trabalhador vai logo para o SPC e outros mecanismos de punição ao crédito, além de ações de cobranças judiciais.

Com a empresa Americana, não! Espera aí! Eles têm o sangue azul.

No governo de FHC emprestaram o dinheiro para eles comprarem a ELETROPAULO em um leilão corrompido. No processo de compra foi feito acordo de pagamento da dívida do empréstimo; não se cumpriu nenhum pagamento. Agora, o governo Lula dá um prêmio pelos serviços prestados. Vocês estão devendo US\$ 1,2 bilhão. Não tem problema! Nós criamos uma nova empresa para controlar o setor, vocês dão a AES Tietê como garantia em troca e nós entregamos mais US\$ 600 milhões. O resto? Vocês são Americanos não é?...

